

**ACTA ANTIQVA
COMPLVTENSIA IV**

**EPIGRAFÍA Y SOCIEDAD
EN HISPANIA DURANTE
EL ALTO IMPERIO:
ESTRUCTURAS Y
RELACIONES SOCIALES**

DEVOÇÃO E POLÍTICA EM ALGUMAS CIDADES DA LUSITÂNIA

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

IMPLICA o conceito de «devoção» a criação voluntária de um laço de dependência e de entrega. No âmbito religioso, entende-se por «devoção» a submissão do ser humano a uma divindade, ente superior a quem se reconhecem qualidades excepcionais. Geralmente, subjaz à devoção um conceito de contrato quase do foro jurídico: o humano assume de livre vontade um compromisso e, como contrapartida, o ente divino vê-se forçado — porque é suprema justiça e bondade — a satisfazer o pedido.

Apesar dos sinais exteriores, que funcionam como prova do acto e do sentimento, tudo se passa, porém, no foro da intimidade e a mais ninguém diz respeito.

No entanto, interessa por vezes que o íntimo transpareça, se torne visível — para que conste! Ser *pietissimus*, se constitui elogio maior a inscrever no epitáfio, é também virtude digna de publicidade, mormente quando daí pode advir prestígio na comunidade.

Aqui entram, portanto, as motivações políticas. Subtilmente, claro! Mas um olhar mais atento permitirá, decerto, vislumbrar por detrás de uma dedicatória — pelo seu carácter público, pela solenidade que se lhe pode emprestar, pelas específicas qualidades do deus venerado — uma atitude outra, sob a discreta capa da devoção privada. Porque a dedicatória perpetua nomes; porque a sua implantação em lugar público garante a notoriedade precisa.

Não ousaremos dizer que, em certos casos concretos, só haja política e falte pitada de devoção. Mas que a política amiúde se mascare de devoção disso há fortes indícios aqui e além.

Essa, a proposta (quicá ousada) que gostaria de fazer, com quatro ou cinco exemplos concretos colhidos, quase ao acaso, em cidades da Lusitânia romana.

Quando Áccio deixou de ser pesadelo e a cauda do crocodilo já não lograva ferir ninguém — *Aegyptio capta* é a legenda do asse cunhado em Nîmes (VEYRAC, 1998) — que fez Augusto na colina fronteira a Nicópolis? Mostrou-se reconhecido aos deuses e mandou erguer um *trophaeum* em sua honra. Ofereceu-lhes, como testemunho do seu fervor, os *rostra* dos barcos aprisionados e sobre eles mandou lavar louvores a Nepluno e a Marte (Suetónio, *Augusto*, 18.2).

Começa a brotar um Sol radioso e Augusto não hesitará em chamá-lo a seu favor. Por isso escreveu nas *Res Gestae* (19.1) que fora ele quem edificara os templos de Apolo no Palatino, com os seus pórticos; do Divino Júlio; de Júpiter e de Júpiter Tonante, no Capitólio; o templo de Quirino; os de Minerva, Juno Rainha e Júpiter Libertador, no Aventino; dos Lares, ao cimo da Via Sagrada; dos Penates, na Vélia; da Juventude e da Magna Mater no Palatino.

Os cidadãos compreenderam. Mesmo na província. E, por isso, um *magister* de *Mirobriga*, *C. Iulius* de seu nome, não hesita em mandar fazer ara singela à deusa da

estirpe imperial, Vénus (IRCP 146; *vid.* fig. 1). E, organizando-se, organizaram-lhe o culto, venerando, até, outras divindades: em Olisipo, um augustal faz dedicatória a Apolo (ILER 166), pois era voz corrente ser Augusto «filho de Apolo» (ROULAND, 1981: 243), de tal modo que, no teatro de Arles, como se sabe, Augusto surge esculpido claramente em pose de Apolo. E Esculápio, porque não? Que admiração dois augustais, numa cidade cosmopolita como *Olisipo*, prestarem culto ao deus de todas as curas (CIL II 175)? Aliás, não seria esse um bom pretexto também para seus nomes serem perpetuamente lembrados e — com eles — as famílias dos seus patronos, os *M. Afranii* e os *L. Fabii*?

Estavam as mulheres, como se sabe, arredadas da vida pública. Nunca será de mais repeti-lo. Fora bem claro, aliás, o elogio de Cláudia, a mulher-modelo (BÜCHELER 52, in PEREIRA, 1994: 13):

«Ao marido amou de todo o seu coração,
Filhos, criou dois. (...)
Apreciável a sua fala, gracioso era o seu andar,
Cuidou da sua casa, fiou lã».

Podiam, porém, ser vestais. Algumas. E em Roma. E não eram muito bem vistas também (SAQUETE CHAMIZO, 2000). Outras, porém, província afóra, prosseguiram outra ambição, IRCP 183, por exemplo, é o monumento ímpar de uma mulher de valia: Flávia Rufina, emeritense, flamínia provincial, flamínia da colónia de Mérida e flamínia do município de Salácia. Não lhe erigiram estátua, que se conheça. Não precisou de marido. Recorreu a Júpiter — o Ótimo, o Máximo! Como sacerdotisa, não carecia de autorização para gravar seu nome e seu currículo em pedestal ao deus maior! No entanto, que significam, no final da epígrafe, as siglas D. D. assim destacadas? *D(ono) D(edit)*, claro! Mas a ambiguidade (ENCARNAÇÃO, 1993) é evidente — e muito lhe interessava que o vulgo lesse *D(ecreto) D(ecurionum)*, porque não? E o seu ego sairia titulado!... Ambiguidade nenhuma, ao invés, a da decoração lateral do monumento, em que se apresenta a águia imperial (ENCARNAÇÃO — TRINDADE, 1994/1995) e o orbe terráqueo encimado por uma árvore da fecundidade!

E assim foi, tempos fora...

Na *civitas Igaeditanorum*, em plena época flávia, *Flavius Ariston, Igaeditanorum libertus*, declara-se reconhecido a Marte — um deus de grande devoção dos Igeditanos (ALMEIDA, 1962) — por ter sido libertado (ENCARNAÇÃO, 1996a: 16; HEp 2, 771; *vid.* fig. 2). Mas, para além da gratidão pessoal, não haverá aqui a cumplicidade dos senhores da *civitas*, a proclamarem perante a divindade e o povo, a sua benevolência?... Política ou devoção?

Em *Balsa*, nos finais do século II, primórdios do III, o sêxviro *Annius Primitivus*, recém-eleito, consagra um cipo a *Fortuna Augusta* — tinha que ser! — com ímpar solenidade: *edito barcarum certamine et pugilum, sporulis etiam civibus datis* (IRCP 73; *vid.* fig. 3). E os *Annii*, por detrás, importante *gens* da região (ENCARNAÇÃO, 1987: 65), em ampla e futura campanha eleitoral!...

Em Sines — porto de mar, no Atlântico, a servir de abastecimento a Miróbriga — Cícério Juvenal viveu já na segunda metade do século III. Foi augustal também. As «circunstâncias da vida» não lhe facultaram a perpetuidade ambicionada: seu nome reconhecido pela comunidade. E o estratagema aí estava: determinou, por testamento, que Mascilione

ali erguesse estátua a Marte Augusto — *signum Marti Augusto* — e no pedestal ficasse gravado o seu nome. (ENCARNAÇÃO, 1996: n. 230). Para sempre!

A Lusitânia, ao que parece, disso não precisou, que o apego ao poder central era visível; mas, nas bandas do Oriente, *beneficiarii* (cf. AE 1994, 35) percorriam o Império século IV adentro, em secretas missões de policiamento e diplomacia. E que vemos? No santuário de *Sirmium*, por exemplo, acumulam-se sintomaticamente as aras votivas (JEREMIA ET ALII, 1993). Um dos textos é dedicado por *M. Ulpius Frequentinus* a Júpiter Ótimo Máximo, ao Génio do Imperador e ao Génio do Colégio dos *Beneficiarii*. O *beneficiarius consularis* da II Legião *Adiutrix Pia Fidelis* cumpre o ritual. Que há aí de mais eloquente, do ponto de vista desta simbiose enorme entre política e religião? Um entrelaçar constante.

Falámos da função religiosa da mulher. Dei a entender que havia estratégias para que ela pudesse aparecer e seu nome olvidado não quedasse:

- Mandando gravar epitáfio em honra do marido e consignando aí a sua identificação também.

- Num cipo das termas públicas de S. Pedro do Sul (*conventus Scallabitanus*), *Victoria Victorilla* associa-se ao marido, [...] *Magius Reburus*, para celebrar a memória do filho: *in honorem* [...] *Magi Saturnini* (BRANDÃO, 1959: 234-244). Oficialmente, porém, o monumento é consagrado ao Mercúrio dos Augustos, dotado de um epíteto local: *Aquaeco* (fig. 4). Um sincretismo singular!

- Mesmo sozinha, em ara imponente de *Pax Iulia*, usando dum formulário estranho mas significativo: *Serapi Pantheo in memoriam*. Estou a falar de *Stelina Prisca, mater filii indulgentissimi* — mais uma vez com o ambíguo D D no final (IRCP 231). Que Serápis me perdoe, mas tenho a impressão que foi bem ludibriado: *Prisca* manipulou-te, divindade!

Mostrei algumas pincladas de uma realidade nem sempre compreensível à primeira vista. Interessava, de resto, no tempo dos Romanos como na actualidade, que se tecesse a trama, mas que os fios quedassem invisíveis. Tentativas há de unir os dois pontos mais fortes, que a religiosidade cristã definirá como Terra e Céu. Já falámos dos deuses abstractos. Voltemo-nos para o chão: o território. Os Romanos sabiam que também ele tinha divindades.

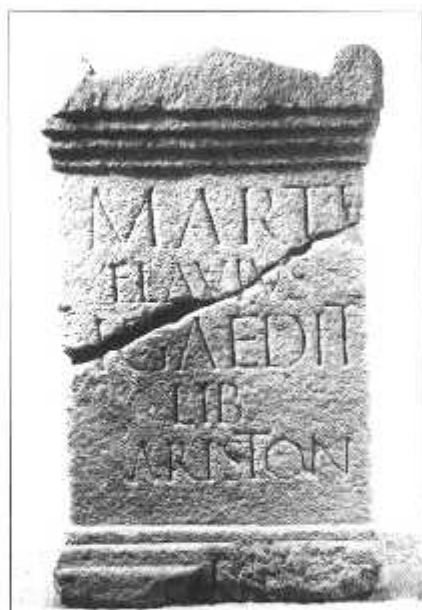
Claro que, quando em meados do séc. III, a *vexillatio* da III Legião Augusta chega ao deserto líbico e aí se fixa, a primeira preocupação foi exorcizar os ventos, o areal imenso — e solenemente prestou culto *Genio Gholciae*, o *Genius loci* (AE 1976, 700). Para que constasse e não houvesse dúvidas, a placa encimava cada uma das quatro portas do acampamento (REBUFFAT, 1975: 495).

Já quando, em finais do século I da nossa era, os *Curii* vindos da Península Itálica se quiseram fixar junto à fertilidade dum manancial dos arredores de Olisipo, resistência autóctone não encontraram; mas... e os deuses? A que estranha divindade poderia pertencer aquele chão? «*Triborunnis*», disseram os indígenas. Pois que seja *Triborunnis* (ENCARNAÇÃO, 1985; *vid.* fig. 5) — ó deusa, nós te veneramos e aqui está, em oferta, o preito da nossa vassalagem...

Deuses romanos do nobre panteão romano, deuses orientais venerados com solenidade, divindades indígenas suplicadas humildemente... Quem sabe onde acaba o oportunismo político e onde começa a verdadeira devoção?



1. IRCP 146. Dedicatória a Vénus. *Mindóiga*. Foto de Guilherme Cardoso.



2. Ilp 2, 771. Dedicatória a Marte. *Civitas Igued-
luniana*. Foto de Delfim Pereira.



3. IRCP 73. Dedicatória a Fortuna Augusta. *Balsa*. Foto de Guilherme Cardoso.



4. Dedicatória a Mercúrio dos Augustos Aquasco.
Balnearii de S. Pedro do Sul. Foto de J. Beleza
Monsira.



5. Ex-voto a *Triborunnis*. *Ager Ollipontensis*.
Foto de Guilherme Cardoso.

In ARMANI (Sabine), HURLET-MARTINEAU (Bénédicte) e
STYLOW (Armín U.) [eds.], *Epigrafía y Sociedad en Hispania durante
el Alto Imperio: Estructuras y Relaciones Sociales*, Servicio de
Publicaciones de la Universidad de Alcalá, 2003, p. 203-207. ISBN:
84-8138-590-5.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, F. (1962), «Aras inéditas, igeditanas, dedicadas a Marte. Um templo de Marte, em Idanha-a-Velha», *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, 6, pp. 68-78.
- BRANDÃO, D. P. (1959), «Inscrições romanas do balneum de Lafões», *Beira Alta*, 18 (3-4), pp. 229-264.
- BÜCHELER, F. (1964), *Carmina Latina Epigraphica*, Leipzig.
- CIL II = HÜBNER, E. (1869 e 1892), *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II, Berlin.
- ENCARNAÇÃO, J. (1985), «Ara votiva a Triborunnis», *Ficheiro Epigráfico*, 14, 1985, nº 59.
- ENCARNAÇÃO, J. (1987), «A população romana do litoral algarvio», *Anais do Município de Faro*, 17, pp. 57-75.
- ENCARNAÇÃO, J. (1993), «Decreto Decurionum – algumas notas sobre o mecanismo decisório municipal na Hispânia romana», *Ciudad y Comunidad Cívica en Hispania (Siglos II y III d. C.)*, Madrid, pp. 59-64.
- ENCARNAÇÃO, J. (1996), «Monumentos epigráficos romanos do Museu de Sines», *Ficheiro Epigráfico*, 51.
- ENCARNAÇÃO, J. (1996a), «Libertos no termo da Egitânia romana», *Materiais*, II série, ano 1, nº 0 (Agosto), vol. 2, pp. 13-19.
- ENCARNAÇÃO, J. & TRINDADE, L. (1994-1995), «A águia numa epígrafe romana do Museu Regional de Évora», *A Cidade de Évora*, II série, nº 1, pp. 171-177.
- ILER = VIVES, J. (1971 e 1972), *Inscripciones Latinas de la España Romana*, Barcelona.
- IRCP = ENCARNAÇÃO, J. (1984), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra.
- JEREMÍĆ, M. et alii, (1988), «Le sanctuaire des beneficiarii de Sirmium», *Religio Deorum (Actas del Coloquio Internacional de Epigrafía Culto y Sociedad en Occidente, Tarragona, 6-8.10.1988)*, Sabadell, pp. 145-149.
- PEREIRA, M. H. R., (1994), *Romana (Antologia da Cultura Romana)*, Coimbra.
- REBUFFAT, R., (1975), «Trois nouvelles campagnes dans le sud de la Tripolitaine», *CRAI*, pp. 495-505.
- ROULAND, N. (1981), *Rome, Démocratie Impossible? (Les Acteurs du Pouvoir dans la Cité Romaine)*, Le Paradou.
- SAQUETE, J. C. (2000), *Las Vírgenes Vestales – Un Sacerdocio Femenino en la Religión Pública Romana*, Madrid.
- VEYRAC, A. (1998), *Le symbolisme de l'As de Nîmes au crocodile*, Montagnac.